



Copyright©2016 by Cleiber Vieira Silva

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Diagramação: Carol Rodrigues

Revisão: João Lover

Design de capa: Sérgio Luiz

Fotos: Sérgio Silva

Impressão: Gráfica Editora J. Andrade

FICHA CATALOGRÁFICA

S586d Silva, Cleiber Vieira
Discurso de Recepção de novos membros da Academia Maçônica Sergipana
de Artes, Ciências e Letras / Cleiber Vieira Silva - Aracaju: J. Andrade, 2016.

32 p. il. p&b, 21 cm.

1. Discurso 2. Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e
Letras Título II. Cleiber Vieira Silva III. Assunto

CDU 808.51(813.7)

Catálogo – Claudia Stocker – CRB 5/1202

Catálogo

CLEIBER VIEIRA SILVA

DISCURSO DE RECEPÇÃO
DE NOVOS MEMBROS DA
ACADEMIA MAÇÔNICA SERGIPANA DE
ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS

GOESE
Grande Oriente do Estado de Sergipe



O recipiendário é economista,
jornalista, poeta e escritor;

Membro do MAC - Movimento de
Apoio Cultural “Antonio Garcia Filho”
(Academia Sergipana de Letras),
ocupante da Cadeira Nº 14, cujo
patrono é Zózimo Lima;

Membro da ALA - Academia de Letras
de Aracaju, ocupante da Cadeira Nº 07,
cujo patrono é Luiz Antônio Barreto;

Membro da Academia Maçônica
Sergipana de Artes, Ciências e Letras,
ocupante da Cadeira Nº 29, cujo
patrono é Marcos Ferreira de Jesus.

Nemo athleta sine sudoribus coronatur.
(Nenhum atleta é coroado sem suor.)

Essa máxima foi extraída das Epístolas
de são Jerônimo e significa que
na vida nenhum sucesso é conseguido
sem trabalho.

A terra, quando não é lavrada, produz
abrolhos e espinhos, muito embora
seja fértil; assim sucede com a
inteligência do homem.
(Santa Teresa de Jesus)

Excelentíssimo senhor presidente da
Academia Maçônica Sergipana de
Artes, Ciências e Letras, Dr. Domingos
Ferreira Viana;

Excelentíssimo senhor vice-presidente da
Academia Maçônica Sergipana de
Artes, Ciências e Letras, Dr. Menilson Menezes;

Excelentíssimo senhor secretário,
Dr. José Garcez de Góes;

Excelentíssimo senhor tesoureiro,
Dr. Marcel Faria Lima;

Estimados Confrades;

Novéis Acadêmicos;

Coube a mim, como orador deste Sodalício, ser o recipiendário dos ilustres Irmãos Flávio Protázio Vasconcelos, que ocupará a Cadeira nº 11, cujo patrono é Epifânio da Fonseca Dória; Gildo Dantas de Souza, que ocupará a Cadeira nº 13, que tem por patrono Hermeto Rodrigues Feitosa; João Carlos Carvalho Queiroz, que ocupará a Cadeira nº 21, que tem por patrono José de Alencar Cardoso; e Jilvan Pinto Monteiro, que ocupará a Cadeira nº 30, cujo patrono é Osório Dias Ribeiro.



Trago, na oração de agora, um discurso um tanto esotérico, já que falarei a um público seletivo. Espero, tendo em vista as três qualidades essenciais para a ação humana livre: razão, imaginação e sentido (trilogia influenciada por cristãos e humanistas), me fazer entender. Porém, nunca é demais alertar: sobre Logos e Verbo requer cautela de quem se pronuncia e atenção redobrada de quem escuta. Trabalharei uma retórica aristotélica.

Quero que sintam e acompanhem, entre outras coisas, a prosódia, ou seja, o ritmo, a métrica, a entonação e a prosopopeia do momento.

Eis-me aqui, portanto, para cumprir a honrosa tarefa que me fora confiada pelo presidente Domingos Ferreira Viana, afirmando a minha satisfação de, em festa, recebermos perante este colegiado quatro novos confrades, que, certamente, buscam, ao pedir acento entre nós, a possibilidade de trocar ideias e experiências culturais, bem como renovarem-se mentalmente por meio da palavra, que, no sentido lato, se entende como discurso ou reunião de vocábulos, para expressar pensamentos ou conceito a que denominamos Logos e Verbo. Dizem até que a lógica não passa de um simples conhecimento de palavras. Como simples, se o conhecimento é alimento para a alma? Eu, particularmente, não acredito que a lógica seja apenas simples conhecimento de palavras. Se bem que o lógico, desequilibrado – porque há a possibilidade de desequilíbrio em muita coisa –, esforça-se para tudo esclarecer; e tudo, às vezes, confunde ou se torna



misterioso. O místico, e mim incluo entre eles, busca o sentido oposto, consente na existência de alguma coisa misteriosa para que o restante se torne explicável. É preciso que, em nossa Academia, aprendamos a degustar as palavras. Saber degustá-las como sempre o fez, por exemplo, João Guimarães Rosa, um grande feiticeiro do verbo, um dos grandes guardiões da linguagem, cuja cidade natal já lhe apresentara um nome que marcou a sua trajetória como escritor. Nasceu Guimarães Rosa em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908, ano de morte do genial Machado de Assis, fundador, em 1897, da Academia Brasileira de Letras. Pela sua importância os seus amigos deram à Academia o nome “Casa de Machado”.



Penso que foi José de Alencar, o criador de Iracema, “A Virgem dos Lábios de Mel”, quem disse que a palavra possui uma arte e uma ciência: como ciência, exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e simplicidade; como

arte, reveste a ideia de todos os relevos, de todas as graças e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito. Ora, ora, já que fascina o espírito e é resultado do pensamento e das ideias, é uma geradora de energia. Então, temos de trabalhar tanto aqui como alhures, se quisermos manter o equilíbrio das energias geradas pela reverberação da palavra ou sonorização do pensamento, a forma exterior, através da linguagem, faculdade que mais revela o homem e que não deixa de ser o LOGOS do pensamento, e por isso, traduz-se como VERBO ou PALAVRA, que, em sentido metafísico, muitas vezes limita as nossas ações.



Dizem que a palavra nos fora dada para explicarmos os pensamentos; e, como os pensamentos são imagens das coisas, são as palavras imagens dos pensamentos. Aliás, fora Helena Petrovna Blavatsky, um dos nomes mais importante da teosofia, ao lado de Krishnamurti, Rudolf Steiner, Annie Besant, Colin Wilson,



Hermann e Georg Schreiber, Robert Powell, Leadbeater, e tantos outros, que afirmaram ter o Logos saído das profundezas da existência Una, do inconcebível e inefável Um, o Logos, impondo-se um limite, e, ao circunscrever voluntariamente a extensão de seu próprio Ser, tornou-se um Deus manifestado, ontológico, que, ao traçar os limites de sua esfera de ação, determinara também a área total do Universo. Vejam, confrades e Irmãos, que fica provado que tudo está ou é limitado sem contradizer o infinito. Senão vejamos: daremos um exemplo palpável para não entrarmos em campos complexos como o da biologia, do átomo, da cosmologia e outros. E qual é esse exemplo? O dos números. Tomando o número 1, temos nele uma série fracionária, que é o que nos interessa no momento, pois no 1 temos uma infinita divisão fracionária. E aí, quebrando-o ao meio e ao meio do meio e daí por diante, para facilitar a operação e a compreensão, temos: $1/2$, $1/4$, $1/8$, $1/16$, $1/32$, $1/64$, $1/128$, $1/256$... ad infinitum. Ou seja, há uma divisão fracionária infinita dentro do finito 1, mostrando-nos que tudo, no

Universo em geral ou em qualquer Universo, é paradoxal! Sim, porque temos aí um paradoxo entre tantos que a natureza e a ciência nos revelam.

Pois bem, o mesmo Logos que está no Universo está no átomo, está em nós, pois ele é onipenetrante; tudo sustenta e tudo desenvolve. É o princípio e fim de tudo, causa e objeto, centro e periferia... Está em todas as coisas e tudo está nele e manifesta-se em sua forma tríplice. **PRIMEIRO:** é raiz ou origem do Ser e é daí, como uma árvore a crescer, que se manifesta; **SEGUNDO:** revelando os dois aspectos de vida e forma (a primitiva dualidade), constituindo os dois polos da Natureza, entre os quais, vai-se tecer a trama do Universo: Vida—forma, Espírito-matéria, Ativo-receptivo etc., etc., etc.; **TERCEIRO:** é a Mente-Universo, na qual existe o arquétipo de tudo, fonte dos seres, fonte abundante das energias formadoras de tudo, “arca” onde estão armazenadas todas as formas originais que não de, no seu devido tempo, manifestar-se e aperfeiçoar nas classes inferiores da matéria, como nos ensina Annie Besant,





em Sabedoria Antiga. Aí, senhores acadêmicos, está o Absoluto Ser e Não-Ser, uma ideia anterior ao período pré-socrático. É o que o cristianismo apresenta a nós como trindade. Então, o Primeiro Logos é o logos impessoal e não manifestado, é a “Causa Primeira”; o Segundo Logos é Espírito-Matéria (vida), o “Espírito do Universo”; e o Terceiro Logos, a Ideação Cósmica ou Inteligência Suprema, a Alma universal do mundo, o Número Cósmico da Matéria, a cosmogonia, onde está a base das operações inteligentes em e da Natureza. Mas é aqui onde estamos agora, no espaço restrito dessa base, para darmos acesso a quatro novos membros dessa Academia, que devemos canalizar energias. Aqui no campo da razão, momento em que a sonorização do pensamento materializa ideias, não esquecendo que o indizível também complementa o discurso, porque quem escuta deve possuir a sensibilidade de componentes, para ouvir até o que não fora dito através do silêncio entre palavras. É o que o dito popular se refere ao dizer: “Ler entre linhas”, ou seja, ler o que a razão sugere.



Em *A vida da razão*, ou fases do progresso humano, ensaio de história do conhecimento, George Santayana, filósofo americano de origem espanhola, não opõe o sensível ao racional, mas hierarquiza as modalidades de apreensão do mundo exterior num movimento ascendente em que o Logos soberano leva ao absoluto. Do conhecimento sensível ao conhecimento racional, o espírito humano transpõe estágios sucessivos que, a cada etapa, induz a necessidades intelectuais cada vez mais assimiladas.



A verdade é que, se em algum momento a razão não se basta mais a si mesma para satisfação da sede do conhecimento, chega-se ao estágio último: o da espiritualidade, em que nos superamos pela contemplação mística. É a preeminência do espiritual sobre o material, pois é o espírito, segundo esse olhar, que orienta e determina o caminhar da humanidade, apresentando-a como “devir—consciência” ou “devir—moralidade” da natureza.



O Discípulo João, em seu Evangelho, diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus; e o Verbo era Deus”. É claro que também podemos dizer: no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus; e a Palavra era Deus. Ora, a Palavra é a expressão de Deus no homem; quando o homem se manifesta por meio da Palavra, está em plena harmonia, na presença de Deus. Recomenda-se então que a Palavra seja pura, sem ofensas, agressões ou blasfêmias, porque quem “fala” não é o ser humano, mas Deus nele; e o que é a palavra senão o maior instrumento de trabalho de um acadêmico; e que, como disse José de Alencar, é incorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dele instantaneamente e o esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.



Logos é verbo e Razão, Logos é lógica. Razão aqui é a parte espiritual do ser. A quem diga que “a inteligência cria os problemas; a Razão os soluciona”. Emmanuel Kant selecionava a Razão em diversos gamas. Ele nos apresenta a Razão pura, ou seja, o impulso vital divino. Os cristãos transferiram esse Logos do Pai para o Filho.



E agora, confrades, depois dessas ilações, digo: sejam bem-vindos! Venham respaldados pelas artes, ciências e letras, para nos ajudar na edificação de nós mesmos e deste Sodalício.

Venham como os quatro elementos da natureza: terra, a ser adubada; chuva (água), como sinônimo de vida; ar, para eliminar as impurezas e sol (fogo), como elemento facilitador do processo transformador da química cerebral, para assim, fortalecermos esta Academia!

Que venham como os elementos da química moderna: carbono, nitrogênio, hidrogênio e oxigênio! Oh, quaternário! Elemento de natureza eterna, confiado sempre à nossa alma pelos pitagóricos!

Venham como os quatro ventos do Evangelho de São Mateus!

Venham tostados pelo sol dos quatro mundos de “O Navio Negro”, de Castro Alves! E ainda com a alma cheia das crenças do poeta baiano a nos fazer rememorar a transcendência dos quatro ventos do Apocalipse 7,1 ou ainda combatendo no mar grande da visão de Daniel!

Venham ocupar suas cadeiras, cuja palavra se origina, segundo o ilustre filólogo sergipano, João Ribeiro, do número quatro!

Venham com as quatro estações!

Venham com os quatro pontos cardeais e principalmente com o quaternário maçônico resumido em quatro verbos: saber, querer, ousar, calar!

Poderíamos relembrar tantos outros fatos, poemas, contos, fábulas e mitologias com o quatro,



mas é justo que encerremos dizendo que com ele a maçonaria começa os seus primeiros Graus Inefáveis, e o nome de Deus representado por suas quatro letras hebraicas YOD, HE, VAV, HE, formando o Tetragrammanton sagrado que resume todo o Universo e a vida cósmica.



Venham, então, como uma TTRACTYS maçônica, nesta noite dourada, formando um triângulo de dez pontos luminosos, cujo valor secreto tem como resultado um número de dois algarismos, que também somam dez!

Venham! Subam, mais uma vez, simbolicamente os quatro degraus em direção ao oriente, nos trazendo força, trabalho, ciência e virtude num reforço basilar para a nossa Academia!

Sejam bem-vindos, meus confrades!

Assim, seja!

Relação dos empossados:

Flávio Protázio Vasconcelos

Gildo Dantas de Souza

João Carlos Carvalho Queiroz

Jilvam Pinto Monteiro

Relação dos atuais acadêmicos:

Alexandre de Albuquerque Franco

Antônio Fontes Freitas

Breno Melo de Aguiar

Carlos Alberto de Oliveira

Carlos Augusto Bittencourt de Oliveira

Cleiber Vieira Silva

Daniel Gomes da Costa

Domingos Ferreira Viana

Domingos Pascoal de Melo

Flávio Protázio Vasconcelos

Francisco Bezerra de Lima

Ibrahim Salim

Jason Ulisses de Melo

Jilvan Pinto Monteiro

José Anderson do Nascimento

José Augusto Machado

José Francisco da Rocha

José Garcez Goes

José Geraldo Dantas Bezerra

José Lauro de Oliveira Filho

José Sérgio de Aguiar Rocha

Juvenal Francisco da Rocha Neto

Marcel Faria Lima
Marcos Aurélio de Andrade Silveira
Menilson Menezes
Minervino Dória Almeida
Oswaldo Novaes
Valdir Feitosa Nunes
Valtênio Paes de Oliveira

ANEXOS



Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se



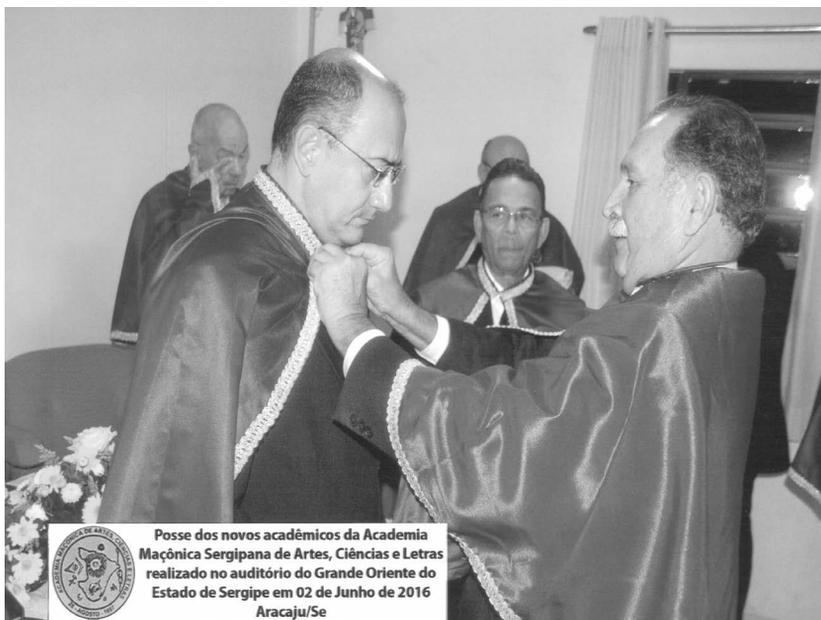
Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se



**Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se**



**Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se**









Posse dos novos acadêmicos da Academia Maçonica Sergipana de Artes, Ciências e Letras realizado no auditório do Grande Oriente do Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016 Aracaju/Se



Posse dos novos acadêmicos da Academia Maçonica Sergipana de Artes, Ciências e Letras realizado no auditório do Grande Oriente do Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016 Aracaju/Se



**Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se**



Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se



Posse dos novos acadêmicos da Academia
Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras
realizado no auditório do Grande Oriente do
Estado de Sergipe em 02 de Junho de 2016
Aracaju/Se

Qualquer ação por direitos autorais ou ação judicial decorrente dos textos existentes no livro impresso será respondida unicamente pelo autor, sendo este totalmente responsável pelo conteúdo, estoque, comercialização e distribuição de sua obra, o que, desta forma, isenta a Gráfica de qualquer ônus sobre a referida publicação.

Edição : 2016
Impressão : Gráfica J. Andrade
Papel de miolo : Offset 75g/m² da Suzano
Papel de capa : Couchê Brilho 300g/m² da Suzano
Tiragem : 250 livros
Tipologia : Garamond